



JOGOS DOS POVOS INDÍGENAS: UM OLHAR SOBRE AS DANÇAS¹

Juliana Guimarães Saneto
José Luiz dos Anjos

RESUMO

O estudo buscou analisar e compreender os rituais nos XI Jogos dos Povos Indígenas – JPI, delimitando o olhar sobre a dança como manifestação ritualística. A pesquisa descritiva seguiu a abordagem qualitativa, na realização de entrevistas e observação. Na análise dos rituais vimos que as danças apresentadas são recortes de grandes festas ritualísticas celebradas nas aldeias. Novos sentidos e significados são atribuídos pelos indígenas aos rituais, quando manifestados nos JPI, o que não necessariamente implica na perda de referências simbólicas tradicionais. Os rituais acontecem como ações performáticas e estéticas nos JPI, que se constituem como um cenário de espetacularização para as tradições indígenas.

PALAVRAS-CHAVE: Dança; Ritual; Corpo; Jogos dos Povos Indígenas.

INTRODUÇÃO

O evento nacional Jogos dos Povos Indígenas (JPI) acontece desde 1996 reunindo tradição e modernidade num contexto em que são inscritas práticas e manifestações corporais, como danças, jogos, lutas, adornos e pinturas corporais. Essas formas de expressão envolvem o corpo e suas linguagens por meio de momentos institucionalizados e estabelecidos pela organização dos JPI. De acordo com Almeida (2011) trata-se de um evento esportivo-cultural realizado pelo Comitê Intertribal – Memória e Ciência Indígena (ITC) com o intuito de promover um intercâmbio cultural entre os participantes. Se configuram como uma ação governamental e intersetorial, já que envolve o apoio e ações dos Ministérios do Esporte, da Cultura, da Saúde e da Justiça - Fundação Nacional do Índio (Funai).

As articulações aqui tecidas aconteceram a partir da observação da XI edição dos JPI, entre os dias 05 e 12 de novembro de 2011, na Ilha de Porto Real, localizada no município de Porto Nacional, distante cerca de 60 km de Palmas, capital do estado de Tocantins.

As apresentações culturais que ocorrem durante o evento se configuram como momentos ritualísticos, pois neles estão presentes elementos como técnicas corporais, culturalmente desenvolvidas e significadas, que expressam uma ordem de procedimentos

¹ O Estudo contou com o apoio financeiro da Companhia de Desenvolvimento de Vitória (CDV), por meio do Fundo de apoio à Ciência e Tecnologia (FACITEC), da Prefeitura Municipal de Vitória-ES.

cerimoniais. As manifestações ritualísticas são dotadas de significados que envolvem a memoração, a afirmação de identidades e a celebração de tradições.

Dessa forma, entendemos que os JPI se constituem a partir da reunião de uma série de práticas corporais que, neste estudo, designam manifestações culturais que envolvem o corpo e suas linguagens, suas formas de expressão. Essa delimitação, de acordo com Lazzarotti Filho et al. (2010), segue uma tendência da Educação Física em relação à utilização do termo “práticas corporais”, relacionado com os estudos que assumem uma interface com as Ciências Humanas e Sociais.

Considerando as práticas e manifestações corporais que são apresentadas durante a realização do evento sinalizamos os rituais, representados pela dança, como o objeto de investigação e análise neste estudo. Lembramos ainda que a dança pode estar associada à ornamentação corporal que envolve pinturas, grafismos e adornos corporais.

As apresentações culturais nos JPI se configuram como momentos ritualísticos, dotados de elementos e expressões corporais, culturalmente formulados e significados. Elas envolvem a memoração, a afirmação de identidades e a celebração de tradições.

Sinalizamos os rituais, representados pela dança, como o objeto de investigação neste estudo. Com essa delimitação seguimos com o objetivo de compreender os rituais a partir do sentido atribuído pelos participantes indígenas a essas manifestações, no contexto em que o evento é realizado.

A partir do cenário dos JPI, existem dois tipos de rituais. Há aqueles que nomeamos de “rituais dos Jogos” por serem institucionalizados pela organização do evento, como, as Cerimônias de Abertura, de Acendimento do Fogo Ancestral Indígena e de Encerramento dos Jogos. Em contrapartida, existem os “rituais nos Jogos”, caracterizados por manifestações culturais próprias de cada etnia, que são transportadas das aldeias para o espaço/tempo do evento.

Os momentos ritualísticos que foram investigados são os nomeados como “rituais nos Jogos”, pois representam manifestações tradicionais das etnias que são transpostas das aldeias para o contexto do evento. Essa transposição é transversalizada por questões próprias dos JPI e que podem implicar em interferências nos rituais.

Seguindo uma abordagem qualitativa, o estudo é caracterizado como descritivo, a partir de Cervo e Bervian (1996), pois envolve aspectos que transitam entre registro, descrição, análise e interpretação. Dessa forma, a pesquisa não se restringe meramente à descrição, uma vez que envolve, também, os processos analíticos e interpretativos durante a

investigação.

Realizamos entrevistas guiadas (RICHARDSON, 1999), com 6 participantes do evento, representantes de diferentes etnias – Terena, Kayapó, Manoki, Boe Bororo, Assurini e Gavião Parkatêjê. As informações adquiridas com as entrevistas, consubstanciadas pela observação do evento e suas manifestações, compuseram o material empírico para a análise interpretativa.

RITUAL: UMA DELIMITAÇÃO CONCEITUAL

Utilizamos, como referência principal, as ideias de Lévi-Strauss (1989), Turner (2005) e Peirano (2002, 2003), pois acreditamos numa possibilidade de diálogo entre eles, no sentido da proposta descritiva e analítica dos rituais que são apresentados durante os JPI.

A partir da opção teórica que assumimos, sinteticamente, podemos dizer que os rituais são fenômenos celebrativos, performáticos e (co)memorativos, com forte referencial simbólico e capazes de reavivar e transmitir memórias e saberes. O ritual se configura como um conjunto de atos formalizados e expressivos que acontecem em obediência a uma estrutura (PEIRANO, 2002). Esses atos são portadores de uma dimensão simbólica, compartilhada coletivamente, dentro de uma configuração espaço-temporal específica.

Os rituais mantêm a sua centralidade no mito, que “[...] dá ao homem a ilusão extremamente importante, de que ele pode entender o universo” (LÉVI-STRAUSS, 1978, p. 20). Ele consiste numa explicação ontológica e sagrada, acerca da vida, que é significado como verdade pela crença. Para o autor os rituais representam a concretização de uma narrativa, tornando-a palpável. É por meio do ritual que o mito é manifestado concretamente e (co)memorado, a partir de uma experiência corporal.

Um elemento fundamental do ritual, porém pouco abordado pelos autores, é o corpo e sua expressão na manifestação ritualística. Entendemos que o ritual, necessariamente, envolve uma manifestação corporal, pois é legitimado a partir do movimento. Sem o corpo e suas expressões, o ritual não existiria, pois o processo de concretização e inteligibilidade da narrativa mítica, atestada por Lévi-Strauss (1989), não aconteceria.

O ritual (co)memora e celebra tradições, a partir do passado, com vista a um futuro. Esse momento atende a uma função social e é compreendido como uma manifestação que possui sustentação simbólica, eficácia e é socialmente legitimado e aceito. Os elementos constitutivos da estrutura ritual são: lugar, tempo, símbolo, significado, memória, gestos e a emoção.

Comumente, o ritual é parte constitutiva de uma festa extraordinária, que envolve símbolos e significados. Não se restringe ao momento estético e performático em que é manifestado, uma vez que envolve todo o período de preparação para que a manifestação aconteça.

Peirano (2003, p. 47) pontua que a partir dos rituais “[...] tomamos conhecimento de nosso mundo ideal; a partir deles [...] consegue-se muitas vezes, encaminhar mudanças e transformações”. Para a autora, eles podem concorrer para a construção de novas legitimidades, permitindo desvendar mecanismos de diferenciação social e realizar a passagem das ideologias para os sistemas de ação, nos quais reside a experiência.

Turner (2005) se aproxima de Peirano (2003), ao considerar o ritual uma manifestação simbólica e coletiva, um fato extraordinário e relevante para as configurações da vida em comunidade. No entanto, analisa o ritual como uma teatralização e uma dramatização daquilo que é contínuo e importante na sociedade, segundo uma vontade e uma simbologia coletiva. Para o autor, a performance que envolve o ritual consiste na produção de experiências que são expressadas como um drama social.²

Turner (2005) explica que cada ritual tem sua própria razão, objetivos formulados e símbolos. O ritual dá forma e consistência ao que vive no plano simbólico e imaginário de um grupo, num momento de coesão e celebração. Além de promover a reprodução da tradição, os rituais consistem em novas experiências, pois são capazes de criá-las e recriá-las sempre que realizados.

As performances culturais compõem-se de elementos de linguagem e comunicação tais como o canto, a dança, a encenação e as artes gráficas, que se combinam de várias maneiras para expressar e comunicar o conteúdo simbólico e tradicional vinculado a uma determinada cultura.

Uma das características da performance é a reflexividade. A dinamicidade que envolve a cultura “[...] está na *práxis*, na interpretação dos atores sociais que estão produzindo cultura a todo o momento” (LANGDON, 1996, p. 24). Nesse sentido, o participante indígena dos JPI é agente consciente, interpretativo e subjetivo, pois reflete sobre si, sobre o grupo e sobre o mundo.

É possível que os rituais, durante o evento, representem para as etnias a sua história contada, celebrada e (co)memorada. As práticas tradicionais indígenas estão presentes na

² A categoria drama social, original da dramaturgia, é utilizada para pensar os conflitos nas sociedades tribais e a manutenção dos laços que reforçavam a coesão social desses grupos. Um dos pressupostos da noção de “drama social”, na Sociologia e Antropologia, é que a sociedade sempre se reproduz a si mesma (DAMATTA, 1981).

programação dos JPI como atividades por onde parecem permear os mitos e as representações simbólicas. Nesse sentido, a participação está carregada de significados e promove experiências que são incorporadas coletivamente.

Seguindo o influente modelo interpretativo acerca dos símbolos e da dinamicidade que envolve o ritual, Turner (2005) enfatiza a dimensão simbólica que envolve o ritual. Os símbolos são compreendidos como elementos constitutivos da manifestação ritualística, como uma forma de interpretação cultural de uma sociedade. “Qualquer que seja a sociedade na qual vivemos, estamos ligados uns aos outros, e nossos ‘grandes momentos’ são ‘grandes momentos’ para os outros também” (TURNER, 2005, p. 29). O autor ainda explica que cada ritual tem sua própria orientação, tem seus objetivos explicitamente formulados, e os símbolos instrumentais podem ser encarados como meio de atingir esses propósitos. O “[...] símbolo é a unidade última de estrutura específica em um contexto ritual” (TURNER, 2005, p. 49), e por isso se constituem como elementos-chave no processo de interpretação de rituais, de onde emanam múltiplos significados, normalmente associados aos valores sociais vigentes.

Da mesma forma que Peirano (2002), Turner (2005) qualifica o ritual como um comportamento repetitivo e representativo, que possui uma eficácia simbólica. Esse momento é dotado de símbolos e significados. Os símbolos, os gestos e as palavras são compartilhados por meio do ritual, que trazem uma identificação que demarca fronteiras identitárias e fornece um sentido de unidade.

O CORPO NO RITUAL: UM LUGAR DE MEMÓRIA

Entendemos que o corpo e suas formas de expressão se constituem como inteligíveis e transmissores de memória numa coletividade. A memória, por intermédio do ritual, invoca o corpo e, juntos, medeiam a relação entre os homens e destes com o mundo. É o corpo que dá vida ao ritual.

Sem desconsiderar a tradição oral que envolve a memória como uma construção coletiva que permite a manutenção do patrimônio cultural imaterial (HALBWACHS, 1990), também apostamos no corpo como um lugar de memória. Diante disso, o corpo não somente guarda a memória como também é capaz produzir e transmiti-las.

Considerando o movimento que envolve a tradição, Turner (2005) nos diz que os rituais, além de reproduzir a tradição, criam uma experiência. Acrescentamos ainda que essa experiência é eminentemente corporal. Diante disso, propomos o entendimento conjugado do ritual e do corpo que, indissociáveis, representam uma forma de linguagem.

Entre os indígenas, há uma relação simbiótica entre ritual e corpo. De acordo com Viveiros de Castro (1996, p.131), o corpo indígena “[...] é o instrumento fundamental de expressão do sujeito e ao mesmo tempo o objeto por excelência, aquilo que se dá a ver a outrem”. O corpo possui uma linguagem própria – comunicação corporal – realizada por meio das experiências corporais.

A noção de que os corpos são construtores, depositários e transmissores da memória coletiva e de que o conhecimento é inscrito nele e propagado por ele nos dá condições de pensar o corpo indígena como um espaço de relação entre tradição e memória. A tradição se constitui no corpo por meio do ritual, pela ação da memória, configurada como tecelã de uma malha de referências simbólicas que é manifestada corporalmente.

No corpo, de acordo com Mauss (2003), não há formas naturais de movimentos, mas maneiras adquiridas culturalmente pelas tradições. Para o autor o homem sempre soube fazer uso de seu corpo como um produto de suas técnicas e representações. Assim, a sociedade fabrica e modela o corpo, de acordo com épocas e lugares, estereótipos e modelos de comportamento.

Empreendidas pelo corpo, as técnicas corporais são gestos tradicionais e eficazes que, apresentam valores determinados culturalmente. As técnicas corporais são aprendidas e apreendidas, imprimindo no corpo identidade. Em todo movimento há uma técnica e logo um aprendizado.

Segundo Mauss (2003, p.115), “[...] quando uma geração passa a outra, a ciência de seus gestos e de seus atos manuais, há tanta autoridade e tradição social como quando essa transmissão se faz pela linguagem”. Com isso, o autor rompe com a ideia da oralidade como forma exclusiva de linguagem, pois considera que, além da descrição oral, a apreensão também pode acontecer pelo corpo.

O corpo como um *locus* de memória pode ser exemplificado pelas pinturas corporais dos grupos indígenas, que para Vidal (1992), representam os símbolos da vida social. Para a autora os grafismos possuem funções além da estética, pois eles comunicam. Além disso, nas inscrições corporais, residem os mitos, a história, a tradição e a memória. Tanto a pintura como os adereços que ornamentam o corpo se estabelecem, nos grupos étnicos indígenas, como um canal de comunicação simbólica acerca de papéis e posições no grupo social. É por meio do corpo que as pinturas e adornos comunicam.

Clastres (1978, p. 128), na investigação acerca do ritual de iniciação, nas sociedades ameríndias do Paraguai, conclui que “[...] a sociedade imprime sua marca no corpo do jovem.

[...] A marca é um obstáculo ao esquecimento, o próprio corpo traz impresso em si os sulcos da lembrança – o corpo é uma memória”. Assim, o corpo revela muito sobre o mundo e a vida social, apontando também para a compreensão da constituição das identidades.

Para Lévi-Strauss (1989), a memória é construída a partir da tríade: lembrança – narrativa – mito/rito. Com isso, o mito/rito aparece como um propulsor da memória, por estarem imbricados numa lógica semiótica, em que os símbolos e suas representações operam como estimuladores da memória. Assim, entendemos que o corpo e suas expressões, por meio do ritual, possibilitam esse processo.

AS DANÇAS NA XI EDIÇÃO DOS JOGOS DOS POVOS INDÍGENAS

As práticas culturais indígenas são marcadas por rituais. Eles acontecem de forma contemplativa e celebram várias situações, como agradecimento, casamento, batizado, nomeação, passagem para a vida adulta e funeral (MULLER, 2008).

Os Boe Bororo apresentaram a “Dança do Toro”, que faz parte do ritual funerário da etnia; os Assurini demonstraram a “Dança do Taoha”, que compõe o ritual de preparação do pajé; os Terena apresentaram um trecho da “Dança da Ema”, que integra o ritual *Kaxana Kopenoti*; os Gavião Parkatêjê fizeram a “Furação de Beiço”, parte do ritual de passagem dos meninos; e os Kayapó manifestaram a “Dança das Mulheres”, que celebra a alegria e integra a Festa do Jabuti.

Para Peirano (2003), o ritual é um fenômeno especial, que revela representações e valores. Diante disso e entendendo as interações sociais, travadas durante o evento, como reflexo do que ocorre nas aldeias, os momentos ritualizados apresentados também são destacados como importantes, pelos protagonistas do evento. Os rituais são transportados das aldeias para os JPI e apresentados, por meio da dança. Há a compreensão de Almeida e Teixeira (2011) de que as práticas corporais indígenas, que abrangem os rituais, tendem a reproduzir sua estrutura social no evento.

Os rituais apresentados nos JPI foram escolhidos pelos participantes, que detêm uma autonomia na seleção do que vai ser apresentado no evento. Não há uma previsão exata dos rituais e da ordem de suas apresentações. Os participantes nos disseram:

O Comitê não interfere [...] não estabelece um critério pras etnias estarem fazendo suas apresentações culturais [...] eles deixam a critério da etnia, é livre [...] eles deixam cada etnia conduzir a sua própria apresentação [...] (BOE BORORO).

[...] vamos decidir alguma festa nossa pra mostrar lá na arena. Os cacique que vai decidir [...] O pessoal nosso que decide a festa pra mostrar na arena (KAYAPÓ).

Os rituais indígenas chegaram aos JPI por meio de manifestações ritualizadas que fazem parte, nas aldeias, de grandes eventos comemorativos. Essas manifestações foram entendidas seguindo o mesmo significado praticado nas aldeias pelos participantes:

O significado permanece o mesmo porque a espiritualidade não foge. A gente não pode inventar uma coisa, inventar uma dança, um canto sem ter um sentido [...] tanto aqui como lá. Não muda, o sentido é o mesmo (BOE-BORORO).

[...] é a mesma coisa porque aí, você pensa que tá lá na aldeia, né? Você está aqui [nos Jogos], fazendo essas apresentações, como se fosse na aldeia [...] (TERENA).

[...] a gente faz com todo cuidado, com todo ritual e com responsabilidade pra gente não errar [...] O significado é o mesmo, a responsabilidade é a mesma (ASSURINI).

Os rituais passaram por uma adequação ao tempo/espaço garantidos pelo evento para que fossem apresentados. Os discursos nos mostram que, mesmo sofrendo alterações os rituais manifestados no evento mantêm o vínculo com a tradição e, com isso, os significados das danças ritualizadas são mantidos pelas etnias.

Para os Gavião Parkatêjê, a “Furação de Beição” transmite e perpetua a tradição e suas memórias quando declaram: “[...] nós tamo lembrando o que os nossos antepassados faziam lá atrás [no passado]”. Isso nos leva a compreensão de que os rituais alimentam a memória coletiva e as verdades inerentes à tradição. O ritual opera a favor da tradição, pois reaviva e celebra memórias por meio de manifestações corporais.

Ao contrário dos demais participantes o representante Manoki afirmou que, nos Jogos, o ritual “[...] é mais uma apresentação mesmo pra gente mostrar [...] nos Jogos a gente brinca e diverte, mas no ritual as coisas têm que ser feitas com sinceridade”. Para os Manoki, a manifestação do ritual de maneira plena, num contexto simbólico, não acontece nos JPI. Para eles, a apresentação cultural, vinculada ao ritual da etnia, acontece com menos seriedade, apenas para mostrar ao público sua performance.

Apesar de esse discurso mostrar um esvaziamento simbólico das manifestações ritualizadas, as observações mostram o contrário. Quando as etnias adentram a arena e se apresentam, não deixam transparecer ausência de seriedade, pois se esforçam para que tudo aconteça como planejado. Diante do observado, não compreendemos as manifestações ritualizadas destituídas de significados, pois, ainda que as referências simbólicas não as permeiem plenamente, é inegável que sentidos e significados sejam produzidos.

Tendo essas manifestações ritualizadas assumido valores e significados distintos dos praticados nas aldeias, entendemos a natureza polissêmica dos rituais. De acordo com Turner (2005), os símbolos rituais podem assumir diferentes significados. Dependendo do contexto,

podem render-se à mudança.

As manifestações ritualizadas guardam, nos seus gestos, movimentos, ritmos e expressões significados compreendidos somente pelos indígenas. Além do movimento corporal, também foram identificados como repertório das manifestações ritualizadas, nos JPI, a música, os adornos e as pinturas corporais. Para Mauss (2003), o corpo é, necessariamente, uma construção simbólica e cultural, pois toda sociedade marca seus corpos. Essas marcas foram identificadas no evento, por meio dos adornos, pinturas e grafismos corporais que permitiam identificar e diferenciar as etnias.

Mesmo recortadas as danças seguiram uma sequência ordenada e padronizada de palavras e atos. Foram apresentadas como uma coreografia, em que movimentos corporais eram embalados pelos sons e palavras proferidas durante a manifestação que, conferiam ao momento formalidade, estereotipia e repetição.

No evento as ações ritualizadas produzem um sentido de espetáculo e celebração, que é compartilhado durante as apresentações. Os rituais podem assumir novas finalidades, pois trata-se de “[...] uma forma de ação sobretudo maleável e criativa, com conteúdos diversos” (PEIRANO, 2003, p. 48). Como manifestações formalizadas, os rituais nos Jogos não estão esvaziados de sentido. Além dos significados que eles trazem das aldeias, há ainda uma produção de sentidos na medida em que são manifestados.

As apresentações culturais são representadas por performances rituais delimitadas para o evento como “[...] uma estória sobre eles que eles contam a si mesmos” (GEERTZ, 1989, p. 316). No entanto, os JPI possibilitam que essa estória seja estendida a um público. Diante do contexto espetacularizado, notamos que as etnias passam por uma preparação antes de chegar ao evento:

A gente teve vários ensaios na aldeia. A gente vem se preparando para os Jogos [...] (ASSURINI).

[...] pra fazer a dança aqui ela teve que ser muito bem pensada antes, bem preparada (BOE BORORO).

Compreendidos como atos performáticos, os rituais apresentados exigiram preparação prévia dos indígenas, que recortaram e ensaiaram os momentos delimitados, com base na excelência e eficiência.

As apresentações culturais, no evento, podem ser interpretadas, a luz de Turner (2005), como performáticas por agregar elementos teatrais e prever um público. Além dos significados que emanam das performances, o desempenho dos participantes, somado aos elementos estéticos – indumentária, pintura cultural, adornos e plástica corporal – é passível de apreciação. A presença do público nos JPI é motivadora para os participantes:

Com o público com certeza a gente vai fazer mais, né? Com mais vontade, com mais alegria (ASSURINI).

[...] todas as etnias que vêm pros Jogos, com interesse de mostrar o que pratica na aldeia (GAVIÃO PARKATÊJÊ).

Há, de certa forma, uma expectativa por parte dos participantes indígenas em relação à presença de pessoas para prestigiar o evento. O desejo de um público apreciador também é evidenciado pela preocupação dos indígenas em “fazer bonito”. A relação entre as manifestações ritualizadas e público da XI edição dos JPI nos levou à compreensão de que essas manifestações consistem em meios de expressão estética:

[...] agora vamos fazer a furação de beijo. É bonito! [...] (GAVIÃO PARKATÊJÊ).

[...] o Taoha [...] foi bem-aceito, não só pelos não índios, de ver bonito, né? Não sei também se acharam bonito, né? Mas pra gente é (ASSURINI).

Além da preocupação com o formato e seleção do que foi apresentado nos Jogos, a questão estética também foi representada pela pintura corporal, bem evidente. Observamos que antes das apresentações culturais, as etnias sempre se reuniam para se pintar e se enfeitar.

No evento era possível identificar as etnias pelos adornos e pinturas corporais, mas eram nas apresentações culturais que as cores se revelaram intensificadas pela exuberância dos ornamentos, adornos e pinturas, feitas a partir de extratos do jenipapo e do urucum, que dão à pele os tons escuros e avermelhados que predominaram nos corpos. Além das cores extraídas naturalmente de frutos e árvores, a preocupação estética em relação às cores das pinturas esteve bastante presente nos corpos da etnia Pataxó, que utilizaram tintas aparentemente industrializadas para explorar novos coloridos.

Os rituais, em sua plasticidade estética, possibilitam a transformação, que pode ser entendida como o resultado de uma aproximação entre o tradicional e o moderno. À luz de Canclini (2003) essas transformações correspondem à hibridação cultural, um processo de imbricação de dois contextos, que geram novas situações, que não necessariamente trazem um esvaziamento simbólico.

Somadas às observações acerca da pintura, como elemento estético, as entrevistas possibilitaram afirmar a importância dela nos JPI. O entrevistado Manoki nos disse: “A gente pintou, agora já tá saindo a pintura, aí vai apresentar sem? Sem pintura?”. Eles nos indicaram, com desânimo, que não apresentariam o canto e, de fato, a apresentação não aconteceu. E pode não ter acontecido em decorrência de uma questão estética.³ Essa investidura estética imperiosa, por meio das pinturas, não se resume em ornamentar o corpo, mas sim de construí-

³ Trata-se de um indicativo sem qualquer teor de afirmação, pois não houve a oportunidade de retornar à etnia para questionar o porquê de o Canto dos Espíritos não ter sido apresentado no evento.

lo esteticamente, atendendo aos padrões e às referências tradicionais e culturais, que demarcam identidades e papéis sociais.

O corpo como uma construção simbólica resguarda a marca do indivíduo, a fronteira entre os outros. A ausência dessas marcas social e culturalmente elaboradas pode gerar uma insegurança nas apresentações das manifestações rituais diante da configuração espetacularizada e estética. O corpo, no evento, não é apenas um suporte ou veículo de um discurso simbólico, ele também participa como elemento plástico da performance ritual.

As observações dos rituais possibilitaram a compreensão de que, durante esses momentos, símbolos, gestos, ritmos e sons são compartilhados coletivamente, trazendo uma identificação que marca fronteiras identitárias e promove um sentido de unidade entre os integrantes de uma mesma etnia.

DELINEAMENTOS CONCLUSIVOS

Os JPI,⁴ consistem num palco em que as manifestações ritualizadas alcançam visibilidade e audiência com as apresentações culturais. Esses momentos são trechos de rituais e festas nas aldeias que são recortados e levados ao evento. Os “rituais nos Jogos” são manifestações espontâneas que não se limitam ao espaço programático do evento. Em diversos momentos as manifestações ritualizadas aconteciam sem o conhecimento e controle da organização.

Da mesma forma com que Almeida e Suassuna (2010) apontam as práticas corporais manifestadas nos JPI como espetacularizadas, entendemos os rituais. Com o sentido de espetacularização do evento, as manifestações ritualizadas podem assumir um duplo significado. Podem, ao mesmo tempo, manter e celebrar as referências simbólicas tradicionais e engendrar um deslocamento de sentido.

A apresentação dos rituais indígenas, no cenário dos JPI, constitui-se como um espetáculo atraente que pode sugerir um esvaziamento de conteúdos simbólicos. Em contrapartida, durante a XI edição dos JPI tecemos a compreensão de que o evento desencadeia relações sociais e interações simbólicas, além de congregar os significados da tradição aos sentidos de celebração e espetacularização.

Mesmo espetacularizada, a dança pode ser entendida como uma forma de movimento elaborado que fornece elementos simbólicos ou representações da cultura dos povos. Dançar

⁴ O evento para Almeida e Teixeira (2011, p. 158), é “O espaço de encenação das práticas corporais indígenas”.

implica muito além do ato mecânico da execução do movimento corporal, pois traduz linguagens que emanam significados.

Em se tratando das danças de grupos e comunidades tradicionais, há diversas nuances em face de sua continuidade no decorrer histórico, em que novos contextos são apresentados. Para Teixeira (2006), as festas e as danças constituem-se como parâmetros fundamentais na construção e manutenção da identidade cultural. Compreendemos que as interações de elementos culturais tradicionais com as desordens promovidas pelos movimentos da modernidade permitem ressignificações. Ao mesmo tempo em que o evento combina diferentes contextos ele gera novas estruturas, objetos, práticas e significados.

É inegável a compreensão dos JPI como um evento que reúne tradição e modernidade num contexto de ambivalências, em que as manifestações rituais – ações performáticas – mantêm o caráter narrativo estabelecendo conexões com a vida na aldeia. Os rituais representam o valor da coletividade, a afirmação de identidades e anunciam a celebração das tradições.

Tradição e modernidade são interadas, refletindo nos JPI traços de hibridação cultural, pautada na transformação, como Almeida e Suassuna (2010) identificaram. Essa hibridação acontece como uma estratégia de continuidade, que carrega as experiências e memórias ao mesmo tempo as ressignifica. As danças que acontecem nos Jogos expandem seus sentidos e significados, criando-os e recriando-os.

O recorte dos rituais passa pela aprovação de lideranças nas aldeias, que avaliam as formas estéticas e a questão simbólica que o transversaliza, privilegiando os aspectos vinculados às tradições. Os rituais indígenas, manifestados no espaço/tempo dos Jogos, assumem duas funções.

Primeiramente, as manifestações ritualizadas cumprem um papel celebrativo em relação às tradições das etnias. Em segundo, essas apresentações são entendidas pelos indígenas como forma de divulgação de suas tradições e singularidade às autoridades, ao Poder Público, à sociedade envolvente e também aos parentes de outras etnias que transitam no evento.

As etnias, ao participarem dos JPI, celebram as tradições, significam e ressignificam as práticas corporais, representadas aqui pelas manifestações ritualizadas, deslocadas da aldeia para o cenário contemporâneo de apresentação/espetáculo. Nesse cenário, os JPI acontecem como um palco de manifestações ritualizadas.

GAMES OF INDIGENOUS PEOPLES: A LOOK ON THE DANCE

ABSTRACT

The study sought to analyze and understand the rituals in the XI Game of Indigenous Peoples – JPI, delimiting the look on dance as a manifestation ritualistic. The descriptive research followed the qualitative approach of interviews and observation. In the analysis of rituals that we saw the dances are presented clippings of major ritualistic festivities celebrated in the villages. New meanings are attributed to the indigenous rituals, as manifested in JPI, which does not necessarily imply the loss of traditional symbolic references. The rituals take place as aesthetic and performative actions in JPI, which constitute a scenario of spectacle to indigenous traditions.

Keywords: Dance; Ritual; Body; Game of Indigenous Peoples.

JUEGOS DE LOS PUEBLOS INDÍGENAS: UNA MIRADA SOBRE LA DANZA

RESUMEN

El estudio trata de analizar y comprender los rituales en los XI Juego de los Pueblos Indígenas - JPI, delimitando así la expresión de la danza como una manifestación ritual. La investigación descriptiva seguido un enfoque cualitativo, mediante entrevistas y observación. En el análisis de los rituales que han visto las danzas se presentan recortes de las fiestas rituales más importantes que se celebran en los pueblos. Los nuevos significados son asignados por los rituales indígenas, tal como se manifiesta en el JPI, lo que no implica necesariamente la pérdida de referentes simbólicos tradicionales. Los rituales tienen lugar las acciones performativas y estéticas de JPI, que constituyen un escenario de espectáculo a las tradiciones indígenas.

Palabras clave: Danza; Ritual; Cuerpo; Juego de los Pueblos Indígenas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, A. J. M.; SUASSUNA, D. M. F. A. Práticas corporais, sentidos e significado: uma análise dos jogos dos povos indígenas. *Movimento*, Porto Alegre, v.16, n. 4, p. 53-71, out./dez. 2010.
- ALMEIDA, A. J. M; TEIXEIRA, J.G, L. C. As performidades nas práticas corporais indígenas na contemporaneidade brasileira. In: CAMARGO, R. C; REINATO, E. J; CAPEL, H. S. F. (Org.). *Performances culturais*. São Paulo: Hucitec, 2011.
- CANCLINI, N. G. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.
- GRANDO, B. S. Corpo e cultura: a educação do corpo em relações de fronteiras étnicas e culturais e a constituição da identidade bororo em Meruri-MT. *Pensar a Prática*, Goiânia-GO, v. 8, n. 2, p. 163-179, 2005.
- HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- LANGDON, E. J. Performace e Preocupações Pós-Modernas na Antropologia. In: TEIXEIRA, J. G. (Org). *Perfomáticos, performance e sociedade*. Brasília: Editora UNB, 1996. p. 23-28.
- LÉVI-STRAUSS, C. *Mito e significado*. Lisboa: Editorial Presença, 1978.
- _____. *O pensamento selvagem*. Campinas: Papirus, 1989.
- MAUSS, M. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Edusp, 1974.

- MULLER, R. A. P. Ritual e performance nas artes indígenas. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, v. 1, p. 69-75, 2008.
- PEIRANO, M. (Org.). *Rituais ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- _____. *O dito e o feito: ensaios de antropologia dos rituais*. Rio de Janeiro: Relumê Dumará, 2002.
- TURNER. V. *Floresta de símbolos: aspectos do ritual Ndembu*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2005.
- VIDAL, L. (Org.). *Grafismo indígena*. São Paulo: Studio Nobel - Edusp, 1992.
- VIVEIROS DE CASTRO, E. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. *Mana*, v.2, n. 2, p. 115-144, 1996.